



Comunidades de Prática e Cultura Livre no Texto Livre

Ana Cristina Fricke Matte¹

¹UFMG/Faculdade de Letras/Laboratório SEMIOTEC, anacrisfm@ufmg.br

Resumo: O conceito de comunidades de prática (Lave, Wenger) busca trazer para dentro da sala de aula a dinâmica verificada em comunidades de aprendizagem espontâneas, caracterizadas por girar em torno de um objetivo comum. A polêmica em torno do assunto refere-se à dificuldade prática de transpor uma organização espontânea para um ambiente controlado e geralmente imposto, como é o caso da sala de aula. Neste trabalho, discuto algumas experiências vividas como professora na modalidade EAD em disciplinas regulares da UFMG.

Palavras-chave: De 4 a 6 palavras, separadas por vírgula.

1. Introdução

As comunidades de prática na educação foram propostas por Lave (1988) na esteira de Bordiex (1977), Vygotsky (1978), Foucault (1980) e Giddens (1984), como nos conta Etienne Wenger em “Communities of practice and social learning systems: the career of a concept” (WENGER, 2010). Trata-se de uma discussão, e uma proposta educacional dela derivada, baseada no estudo antropológico das comunidades que se formam em virtude de um interesse comum a um grupo de pessoas em torno de uma aprendizagem específicas. Emergem desse interesse, auto-organizam-se e geralmente desaparecem ao atingir sua meta. Ao mesmo tempo em que essa auto-organização é o seu maior trunfo, é também, no meio educacional formal, seu maior problema: como criar artificialmente as condições necessárias à sua emergência?

Essa questão nos chegou durante a orientação da tese de Elizabeth Guzzo de Almeida, professora da Faculdade de Educação da UFMG (ALMEIDA, 2013), na qual a autora, membro ativo do Grupo Texto Livre durante 8 anos, discute a formação de professores de espanhol usando tecnologias livres, segundo a perspectiva da aprendizagem situada e das comunidades de prática.

Em seu livro “As culturas do Texto Livre” (CASTRO, 2019), produzido a partir de sua tese de doutorado, defendida na UFMG em 2015, o autor Carlos Castro nos mostra a emergência desse tipo de comunidade nas atividades do Grupo Texto Livre, o que não é inesperado, ao menos para quem está no grupo desde o início: foi justamente o contato intenso com comunidades de Software Livre que motivou – e continua motivando – a forma de organização dessas atividades, tais como eventos, projetos, cursos e a produção do periódico científico Revista Texto Livre: Linguagem e



Tecnologia, alguns dos quais estudados em detalhes por Castro, trabalhando no escopo da pesquisa etnográfica e da teoria da complexidade.

2. Comunidade de prática no Software Livre

Um exemplo gigantesco do poder desse tipo de auto-organização é o desenvolvimento do Kernel Linux. Kernel é o centro funcional do sistema operacional: é ele quem relaciona os aplicativos que usamos ao hardware, ou seja, às peças da máquina na qual está instalado, permitindo o funcionamento global. Os primeiros computadores sequer possuíam monitores, os dados entravam via teclado e o resultado saía impresso. Mas não se trata apenas de entender o que está sendo digitado no teclado (comandos): trata-se de receber o sinal, decodificá-lo (interpretar o que ele quer) e produzir os sinais necessários a cada peça do computador a fim de que ele realize a operação solicitada.

Em junho de 2015, o Kernel Linux, na versão 4.1, mostrava no repositório de desenvolvimento GitHub¹ 19,5 milhões de linhas de código. O número de 13.708 autores, os quais realizaram mais de 500 mil commits (envio de alterações), nos primeiros 6 meses daquele ano, para os quase 50 mil arquivos do Kernel, é uma amostra da magnitude do projeto. Todo professor sabe da dificuldade relativa a organizar trabalhos em grupos de 4 ou 5 alunos. Este grupo possuía, à época, quase 14 mil participantes ativos.

Evidentemente o desenvolvimento do Kernel Linux não começou assim, gigantesco, mas desde o início propunha reunir pessoas com interesses comuns dispostas a colaborar. Um dos estudos mais famosos acerca da organização das comunidades de Software Livre, A Catedral e o Bazar (RAYMOND, 1999), faz uma comparação entre a organização das comunidades de desenvolvimento de software livre com as de software proprietário, relacionando-as, respectivamente, a um bazar, cuja organização é flexível, dinâmica e bastante plana, e a uma catedral, em que a rigidez estrutural é hierárquica e estável. Raymond sintetiza a eficiência e segurança do software livre com a frase: “Havendo olhos suficientes, todos os erros são óbvios”.

3. Meritocracias

Nossa cultura capitalista facilita assumir duas concepções bastante populares: a) não devemos brincar em serviço e b) para ter controle dos resultados, precisamos

1Dados disponíveis em: <https://www.phoronix.com/misc/linuxstat-june-2015/>, https://www.phoronix.com/scan.php?page=news_item&px=MTg3OTE e https://www.phoronix.com/scan.php?page=news_item&px=Linux-19.5M-Stats. Autor: Michael Larabel, 2015.



de uma hierarquia de responsabilidades, precisamos de supervisão. Nenhuma dessas duas concepções sustentaria uma comunidade de prática: não há nada mais sério e comprometido do que uma criança brincando e nada melhor para diminuir a responsabilidade de alguém sobre seus próprios resultados do que uma hierarquia que valorize os papéis superiores, mais distantes da prática.

Brincar faz emergir comunidades de prática, muitas vezes tão voláteis quanto o tempo da brincadeira, mas com alto grau de sustentabilidade enquanto dura, motivo pelo qual aderi à gamificação. É notável², no entanto, como muitas crianças, em geral por volta dos 5 anos de idade, começam a aderir à ideia da hierarquia controladora, buscando organizar as brincadeiras conforme suas próprias regras. Se as outras crianças também aderem, isso só vai funcionar se houver consenso sobre a capacidade de liderança – ou sabedoria, ou força etc – do elemento controlador e se as outras crianças aceitarem ocupar papéis menos poderosos, ou seja, se elas concordarem em se submeter ao acordo, condições que não se estendem a outros níveis hierárquicos na sociedade formal.

Citei essa impressão pessoal neste parágrafo anterior para contextualizar a argumentação: nós crescemos envolvidos nessa cultura de não brincar em serviço e seguir o chefe, por isso a organização na forma de bazar, conforme explica Raymond, parece caótica e não natural, mas é altamente flexível, organizada, produtiva e humana. Humana porque não é artificial, visto que a emergência de comunidades de prática provavelmente remonta aos primórdios da história da humanidade. E também humana porque valoriza o ser humano, todos eles, todos os participantes, por algo que se chamou no meio do software livre de “meritocracia”, o que me causou muitos problemas no contato com educadores e linguistas aplicados por bater de frente com a crítica comum à nossas áreas de conhecimento a esta valorização do fazer como mérito.

Acontece que, nas comunidades livres, meritocracia não é apenas valorizar o indivíduo que faz mais, que vai mais longe: é necessário que esse fazer e essa caminhada esteja de acordo com os princípios que regem a cultura livre: colaboratividade, compartilhamento, liberdade e respeito às diferenças. A título de exemplo, um excelente programador que não compartilha seu conhecimento, impedindo que outros possam alcançar e até superar seu próprio grau de excelência, terá seu mérito diminuído numa comunidade de software livre, podendo até ser excluído da comunidade por não respeitar seus princípios. Por sua vez, na hierarquia tradicional, do tipo catedral (ainda Raymond), que surge como uma

2 Observação pessoal, fui uma dessas crianças: branca, classe média baixa (não passava fome, tinha roupa e uniforme) e com o tipo de inteligência esperado pelo sistema, ou seja, facilmente propensa a aderir ao sistema que me acolhia tão bem.



ramificação a partir do topo, onde figura o chefe ou o dono, seria impossível compartilhar tudo, colaborar todos com todos, deixar as pessoas livres para criar, e decidir, e respeitar os fazeres diferentes.

Obviamente, como as comunidades livres existem, não exclusivamente, em sistemas liberais nos quais a meritocracia não requer princípios, mas, antes, requer “patrocínio”, as comunidades convivem com o conflito entre as duas acepções e podemos perceber comunidades mais afeitas ao liberalismo, enquanto outras aderem conscientemente ao libertário paulofreiriano e/ou às comunidades de prática em si.

Raymond deixa muito claro que, na sua opinião, os dois modelos são incompatíveis.

4. Na sala de aula

Voltemos à sala de aula. A sala de aula não é um desenho fixo concreto – nem digital –, mas é definida pela relação – hierárquica, diga-se de passagem – entre a figura do professor e a do aluno: sala de aula é onde um professor dá aulas a um ou mais alunos (MATTE, 2009). Ora, se essa relação é hierárquica, já que pressupõe que o professor sempre “dá” – e o aluno, conseqüentemente, sempre “recebe” – então o ambiente logicamente possui elementos não compatíveis com a emergência das comunidades de práticas, ficando fácil entender a dificuldade encontrada pelos seguidores da proposta e criticada pelos opositores.

Dizer que não existe hierarquia alguma nas comunidades de software livre é um tanto quanto exagerado. A questão é que as lideranças surgem e são acolhidas, em virtude do que fazem e como fazem dentro da comunidade livre. Além disso, nessa comunidade ser líder não é mais importante do que exercer qualquer outra função. Ser líder numa comunidade livre de forma alguma significa estar apartado da prática da comunidade: não temos supervisores, todos são atores.

Assim, um professor que atue em sala tal como um líder de comunidade livre facilmente assume aqueles papéis tão caros à linha educacional que privilegiamos, aquela em que o professor aprende com os alunos tanto quanto vice-versa. O professor, que vamos chamar de professor-livre apenas para situá-lo nesta linha argumentativa, não sabe tudo, não sabe mais, não sabe a verdade. Afinal, na prática, que é o que importa aqui, ninguém sabe tudo, cada um sabe mais que outro sobre algum assunto e, como a semiótica referenda, a verdade é construída, não existindo, portanto, uma verdade absoluta, mas a verdade num dado recorte contextual.



5. Comentários finais

As atividades do Grupo Texto Livre, como o próprio UEADSL, um dos nossos exemplos mais evidentes, mostram que trabalhar com uma meritocracia baseada em princípios advindos da Cultura Livre é uma forma altamente profícua de estimular a emergência de comunidades de prática em sala de aula. Contudo, o papel do professor interessado nesse tipo de experiência é essencial.

Não é difícil imaginar que os estudantes, acostumados com a figura do professor-chefe, estranhem uma sala de aula criada por um professor-livre (Matte, 2018, pp. 84-91). O mesmo acontece entre colegas que atuam segundo modelos diferentes. São embates inevitáveis que devem estar previstos na proposta e que exigem do professor estar atento a isso e ser flexível para alterar o fluxo do trabalho para não deixar de lado os princípios que norteiam seu próprio planejamento.

Isso não chega a ser um fator limitante da proposta, de modo que os resultados promissores obtidos em nossas experiências docentes desde 2005 nos levam a investir cada vez mais nessa forma de trabalhar o ensino/aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, Elizabeth Guzzo de. Aprendizagem situada e letramentos digitais no estágio supervisionado de espanhol. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1457D.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2018.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de. As Culturas do Grupo Texto Livre. Coleção Texto Livre: Pensemeando o Mundo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019. Disponível em: <https://ebookspedrojoaoeditores.wordpress.com/2019/08/02/as-culturas-do-grupo-texto-livre-um-estudo-de-vies-etnografico-sob-a-otica-da-complexidade/>. Acesso em 03 de agosto de 2019.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Como e porquê dar aulas de semiótica online? Estudos Semióticos (USP), v. 5, p. 1, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49229>. Acesso em 02 de março de 2018.

MATTE, Ana Cristina Fricke. Sementes de Educação Aberta e Cultura Livre. Coleção Texto Livre: Pensemeando o mundo. Pedro & João Editores: São Carlos, 2018. Disponível em: http://textolivres.pro.br/colecao/colecaoTextoLivre/2018-11_Sementes_de_Educacao_Aberta_e_Cultura_Livre/. Acesso em 29 de janeiro de 2019.



Raymond, Eric Steven. The Cathedral and the Bazaar. Ensaio original, 2000. Acesso em 25/5/2017. URL <<http://www.catb.org/~esr/writings/cathedral-bazaar/cathedral-bazaar/>>.

RAYMOND, Eric Steven. A Catedral e o Bazar./Tradução Eric Kohler. Original de 1999: The Cathedral and the Bazaar. Acesso em 25/8/2018. URL <<https://www.ufrgs.br/soft-livre-edu/arquivos/a-catedral-e-o-bazar-eric-raymond.pdf>>.

WENGER, Etienne. Communities of practice and social learning systems: the career of a concept. In: BLACKMORE, C. (ed.). Social Learning Systems and communities of practice, Springer Verlag and the Open University, 2010. Disponível em: <<http://wenger-trayner.com/wp-content/uploads/2012/01/09-10-27-CoPs-and-systems-v2.01.pdf>>. Acesso em: 14 de maio de 2018.